

Debate Einstein-Bergson

Albert Einstein versus a filosofia sobre a natureza do 🕒 tempo.

Uma investigação sobre o debate que custou a Einstein o Prémio Nobel da Teoria da Relatividade.

Índice

1. 🕒 Debate Einstein–Bergson

1.1. O «Grande Revés» para a Filosofia

👤 Professora de história Jimena Canales

2. Corrupção para o Cientismo

2.1. A Derrota de Bergson e uma Vitória para a «Ciência»

2.2. «Erros Óbvios» e a «Contradição» de Einstein

2.3. Confissão do Comité Nobel

2.4. A Resposta de Einstein ao Comité Nobel

2.5. Reação Contra a Filosofia

3. O Filósofo Henri Bergson

3.1. A «la durée» de Bergson: 🕒 Tempo como Duração

3.2. A resposta de Bergson a Einstein no evento da palestra em Paris

3.3. O Esforço de Bergson para Revogar o Prémio Nobel de Einstein pela Relatividade

4. Perder de Propósito

4.1. «A Evolução Criadora» versus a Teoria da Evolução de Darwin

4.2. A Fama Global de Bergson

4.3. Debate Einstein–Bergson

4.4. 👤 Filósofo Friedrich Nietzsche sobre a Tentativa da Ciência de se Emancipar da Filosofia

4.5. A Autoescravização da Filosofia ao Cientismo

4.5.1. 👤 A "certeza apodítica" de Emmanuel Kant

4.5.2. 👤 O «Penso, logo existo» de René Descartes

4.5.3. 👤 A «traição» de Edmund Husserl para o cientismo

4.6. A Promoção de Bergson a Pilar da Filosofia

5. Corrupção

Impresso em 22 de novembro de 2025


<https://pt.cosmicphilosophy.org/einstein-vs-philosophy/>

CAPÍTULO 1.

Albert Einstein versus a Filosofia sobre

A Natureza do Tempo

E o «Grande Revés» da Filosofia para o Cientismo

Em 6 de abril de 1922, numa reunião da Sociedade Francesa de Filosofia (Société française de philosophie) em Paris, Albert Einstein, recém-chegado da fama global pela sua nomeação para o Prémio Nobel, proferiu uma palestra sobre relatividade perante uma assembleia de filósofos proeminentes, na qual declarou que a sua nova teoria tornava obsoletas as especulações filosóficas sobre a natureza do  Tempo.

O ataque inicial de Einstein foi direto e desdenhoso. Em resposta a uma pergunta sobre as implicações filosóficas da relatividade, declarou:

“ *«Die Zeit der Philosophen ist vorbei»*

Tradução:

«O tempo dos filósofos acabou»

Einstein concluiu a sua palestra com o seguinte argumento, selando a sua rejeição da filosofia:

«Só resta um tempo psicológico que difere do do físico.»

A rejeição dramática da filosofia por Einstein teve um impacto global massivo devido à sua nomeação para o Prémio Nobel.

O evento tornar-se-ia um dos maiores acontecimentos na história da ciência e da filosofia e marcaria o advento da era do «*declínio da filosofia*» e da ascensão do cientismo.

CAPÍTULO 1.1.

O «*Grande Revés*» para a Filosofia

A filosofia atravessara um período de florescimento, representado de forma mais proeminente pelo famoso filósofo francês Henri Bergson, cuja obra de vida se centrou na natureza do 🕒 tempo e que assistiu à palestra de Einstein na plateia.

O debate prolongado que se seguiu entre Einstein e Bergson e que continuou até às suas últimas mensagens pouco antes de falecerem, causaria o que os historiadores descrevem como «o *grande revés*» para a filosofia que alimentaria «a *ascensão do cientismo*».

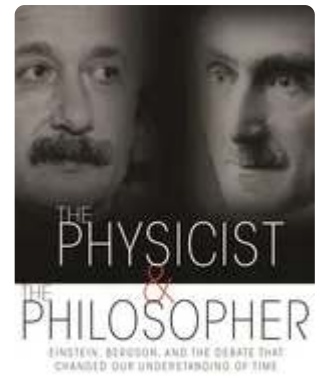


Jimena Canales, professora de história na Universidade de Illinois que escreveu um livro sobre o debate, descreveu o evento da seguinte forma:

O «*diálogo entre o maior filósofo e o maior físico do século XX*» foi diligentemente registado. Era um guião digno de teatro. O

encontro e as palavras que proferiram seriam discutidos durante o resto do século.

Nos anos que se seguiram ao debate, ... as perspectivas do cientista sobre o tempo passaram a dominar. ... Para muitos, a derrota do filósofo representou uma vitória da «racionalidade» contra a «intuição». ... Assim começou «a história do revés para a filosofia», ... e então começou o período em que a relevância da filosofia declinou face à crescente influência da ciência.



JIMENA CANALES

O Físico e o
Filósofo

(2016) Este Filósofo Ajudou a Garantir que Não Houve Nobel para a Relatividade

Fonte: Nautil.us | jimenacanales.org (website do professor)

CAPÍTULO 2.



Corrupção para o Cientismo

Esta investigação histórica revelará que Henri Bergson perdeu o debate de propósito, como parte da escravização autoimposta da filosofia ao cientismo dogmático, que perdura há séculos.

Embora Bergson tenha tido sucesso em fazer revogar o Prémio Nobel de Einstein para a relatividade, esta ação causou uma enorme reação contra a filosofia que ajudou a alimentar «*a ascensão do cientismo*».

Bergson tornara-se mundialmente famoso em parte através da sua obra «*Evolução Criadora*» em 1907, que forneceu uma voz filosófica de contraposição à teoria da evolução de Charles Darwin.

Um exame crítico desta obra revela que Bergson estava a «*perder de propósito*» para agradar aos darwinistas, o que possivelmente explica a sua popularidade (capítulo 4.).

CAPÍTULO 2.1.

A Derrota de Bergson e uma Vitória para a «*Ciência*»

Bergson foi amplamente considerado como tendo perdido o debate contra Einstein e o sentimento público tomou o partido de Einstein. Para muitos, a derrota de Bergson representou uma vitória da «*racionalidade*» científica contra a «*intuição*» metafísica.

Einstein ganhou o debate ao apontar publicamente que Bergson não compreendia corretamente a teoria. A vitória de Einstein no debate representou uma vitória para a ciência.

Bergson cometeu «*erros óbvios*» na sua crítica filosófica *Duração e Simultaneidade* (1922), e os filósofos de hoje caracterizam os erros de Bergson como «*uma grande vergonha para a filosofia*».

Por exemplo, o filósofo William Lane Craig escreveu em 2016:

«*A queda meteórica de Henri Bergson do panteão filosófico do século XX deveu-se sem dúvida, em parte, à sua crítica equivocada, ou melhor, ao seu equívoco sobre a Teoria da Relatividade Restrita de Albert Einstein.*»

A compreensão de Bergson sobre a teoria de Einstein era simplesmente embaraçosamente errada e tendia a desacreditar as suas visões sobre o tempo.

(2016) Bergson Tinha Razão sobre a Relatividade (bem, em parte)!

Fonte: [Fé Racional](#)

CAPÍTULO 2.2.

«Erros Óbvios» e a «Contradição» de Einstein

Enquanto Einstein atacava Bergson em público por seu fracasso em entender a teoria, em privado ele escreveu simultaneamente que Bergson *«tinha entendido»*, o que é uma contradição.

No seu diário, durante uma viagem ao Japão no final de 1922, meses após o debate de 6 de abril em Paris, escreveu a seguinte nota privada:

Bergson hat in seinem Buch scharfsinnig und tief die Relativitätstheorie bekämpft. Er hat also richtig verstanden.

Tradução:

«Bergson desafiou a teoria da relatividade de forma inteligente e profunda no seu livro. Portanto, ele entendeu.»

Fonte: Canales, Jimena. *The Physicist & The Philosopher*, Princeton University Press, 2015. p. 177.

A professora de história Jimena Canales, citada anteriormente, caracterizou o comportamento contraditório de Einstein como <político> por natureza.

As notas privadas contraditórias de Einstein são uma indicação de corrupção.

CAPÍTULO 2.3.

Confissão do Comitê Nobel

O presidente do Comitê Nobel Svante Arrhenius confessou que estava em jogo uma influência que se desviava dos sentimentos públicos e do consenso científico.



«Não será segredo que o famoso filósofo Bergson em Paris desafiou esta teoria.»

A professora de história Jimena Canales descreveu a situação da seguinte forma:

A explicação do Comitê Nobel nesse dia certamente lembrou Einstein da [sua rejeição da filosofia] em Paris, que desencadearia um conflito com Bergson.

O Comitê Nobel não tinha fundamento lógico para rejeitar o Prêmio Nobel de Einstein para a relatividade.

O Comit  Nobel não tinha inclina o institucional para defender a filosofia metafísica ou para desafiar os sentimentos públicos e o consenso científico, e foi o Comit  que nomeou Einstein em primeiro lugar, pelo que a sua decisão afetou negativamente a credibilidade da sua própria organiza o.

Na sequência, o Comit  Nobel enfrentou críticas intensas da comunidade científica.

CAPÍTULO 2.4.



A Resposta de Einstein ao Comit  Nobel

Em vez do Pr mio Nobel pela relatividade, Einstein recebeu um Pr mio Nobel pelo seu trabalho sobre o efeito fotoelétrico.

Einstein respondeu dando uma palestra sobre relatividade na cerimónia do Nobel, desonrando assim a decisão do Comité Nobel e fazendo uma declaração.

A ação dramática de Einstein de palestrar sobre relatividade durante a cerimónia do seu Prémio Nobel pelo efeito fotoelétrico aproveitou os sentimentos públicos da época e causou uma perda moral para a filosofia que teve um efeito muito além de uma perda intelectual.

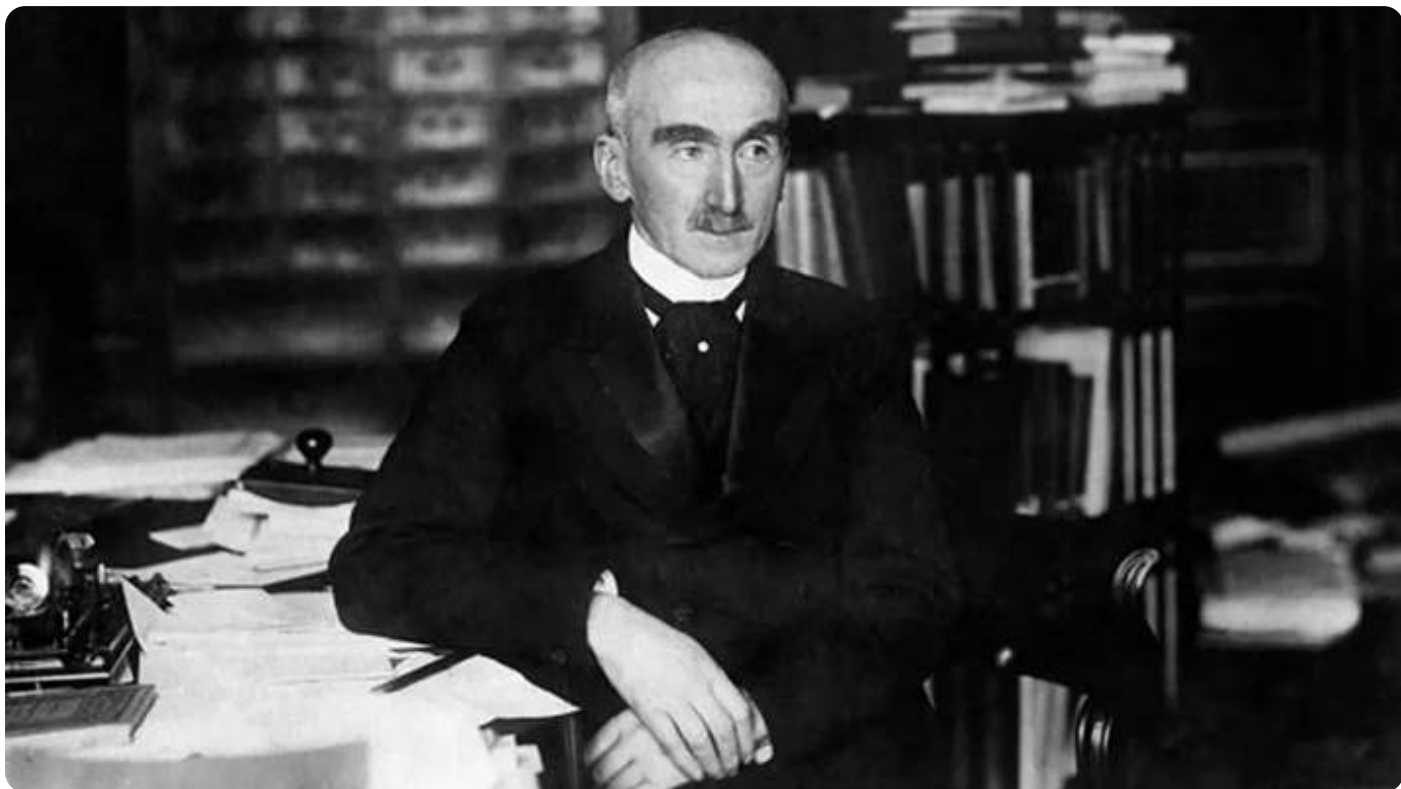
CAPÍTULO 2.5.

Reação Contra a Filosofia

A revogação do Prémio Nobel de Einstein pela relatividade devido a «*crítica do filósofo <famoso> Henri Bergson*», enquanto a opinião pública tinha ficado do lado de Einstein, alimentou uma justificação moral para a ciência se libertar da filosofia.

Esta investigação revelará que as notas privadas de Einstein devem ser consideradas preponderantes para uma perspetiva sobre a compreensão real de Bergson da teoria, apesar dos seus «*erros embaraçosos*», o que implica que Bergson «*perdeu de propósito*» pelos supostos «*interesses superiores da ciência*» (Darwinismo e cientismo correlacionado), uma característica já visível na sua obra *Evolução Criadora* em 1907.

CAPÍTULO 3.



O Filósofo Henri Bergson

O professor de filosofia francês Henri Bergson, um filósofo mundialmente famoso e um titã da vida intelectual francesa (membro da Académie française, Prémio Nobel da Literatura, 1927), foi amplamente considerado um dos filósofos mais proeminentes na história da filosofia.

«O Homem Mais Perigoso do Mundo»

O filósofo Jean Wahl disse uma vez que «se tivéssemos de nomear os quatro grandes filósofos, poderíamos dizer: Sócrates, Platão — tomando-os em conjunto — Descartes, Kant e Bergson».

O filósofo William James descreveu Bergson como «um gênio requintado, talvez o maior entre os vivos».

O filósofo e historiador da filosofia Étienne Gilson afirmou categoricamente que o primeiro terço do século XX foi «a era de Bergson».

A professora de história Jimena Canales descreveu Bergson da seguinte forma:

«Bergson era simultaneamente considerado «o maior pensador do mundo» e «o homem mais perigoso do mundo»

A obra de vida de Bergson centrou-se em *la durée* (Tempo como Duração) — um conceito de tempo vivido e qualitativo.

Para Bergson, o tempo não era uma série de momentos discretos, mas um fluxo contínuo entrelaçado com a consciência. A redução do tempo por Einstein a uma coordenada em equações pareceu-lhe um profundo mal-entendido da experiência humana.

No evento da palestra de Einstein, Bergson desafiou Einstein diretamente:

*«O que é o Tempo para o físico? Um sistema de instantes abstratos e numéricos. Mas para o filósofo, o tempo é o próprio tecido da existência — a *durée* em que vivemos, recordamos e antecipamos.»*

Bergson argumentou que a teoria de Einstein abordava apenas o «*tempo espacializado*», uma abstração derivada, ignorando a realidade temporal da experiência vivida. Acusou Einstein de confundir a medição com a coisa medida — um erro filosófico com consequências existenciais.

Em 1922, Bergson publicou *Durée et Simultanéité* (Duração e Simultaneidade), uma densa crítica à relatividade de Einstein.

O livro foi uma resposta direta ao debate em Paris, onde Einstein declarara «*O tempo dos filósofos acabou*». A capa do seu livro referia-se especificamente a Einstein num sentido genérico e intitulava-se «*Sobre a Teoria de Einstein*».



O prefácio do livro começa com a seguinte passagem:

(primeira frase do livro) Algumas palavras sobre a origem desta obra esclarecerão a sua intenção. ... A nossa admiração por este físico, a convicção de que ele nos trouxe não só uma nova física, mas também novas formas de pensar, a ideia de que a ciência e a filosofia são disciplinas distintas mas feitas para se complementarem — tudo isto inspirou em nós o desejo e até nos impôs o dever de empreender um confronto.

O livro está publicado na nossa secção de livros ⁽¹⁾ com base numa cópia digitalizada da primeira edição de 1922, e uma tradução por IA para 42 idiomas otimizada para preservar a intenção linguística original e a comunicação subtil de Bergson. Cada parágrafo

oferece a opção de examinar o texto original em francês usando IA (passando o rato sobre o parágrafo).

⁽¹⁾ O livro «*Duração e Simultaneidade*» (1922) de Henri Bergson está publicado em 42 idiomas na nossa coleção de livros. [Descarregue ou leia online aqui.](#)

CAPÍTULO 3.3.

O Esforço de Bergson para Revogar o Prémio Nobel de Einstein

Nos anos seguintes ao debate, Bergson usou ativamente a sua influência através de redes ocultas de «*prestígio*», que lhe haviam dado o título de «*homem mais perigoso do mundo*», para pressionar o Comité Nobel a rejeitar o Prémio Nobel de Einstein pela relatividade.

Bergson teve sucesso e os seus esforços culminaram num triunfo pessoal entregue pelo presidente do Comité Nobel, que «*confessou*» que a crítica de Bergson foi uma razão primária para rejeitar o Prémio Nobel de Einstein pela relatividade:

«*Não será segredo que o famoso filósofo Bergson em Paris desafiou esta teoria.*»


Os termos «*famoso*» e a referência a «*Paris*» revelam que o Comité Nobel estava a elevar a influência pessoal e o estatuto de Bergson como justificação para a sua decisão.

CAPÍTULO 4.

Perder de Propósito

Será que Bergson não entendeu a teoria da relatividade de Einstein?

O autor desta investigação é um defensor de longa data do livre-arbítrio desde 2006 através do blog crítico holandês

 [Zielenknijper.com](https://zielenknijper.com). Começou um estudo de Henri Bergson em 2024, pouco depois do seu estudo do filósofo William James.

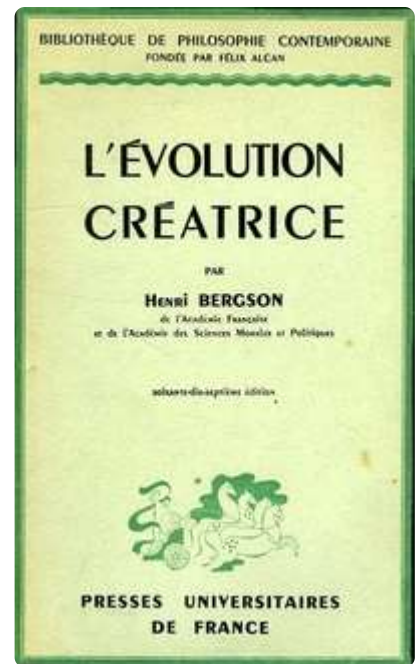
O autor leu Bergson sem preconceitos e partiu do pressuposto de que Bergson forneceria uma *«lógica forte»* para a defesa do livre-arbítrio. Contudo, a sua primeira impressão, após ler «*A Evolução Criadora*» (1907) de Bergson, foi que Bergson estava a *«perder de propósito»*.

CAPÍTULO 4.1.

«*A Evolução Criadora*» versus a Teoria da Evolução de Darwin

O livro de Bergson *A Evolução Criadora* aproveitou o interesse público da época por uma voz filosófica contrária à teoria da evolução de Charles Darwin.

A primeira impressão do autor foi que Bergson pretendia agradar a ambos os leitores: admiradores da teoria da evolução de Darwin (mais genericamente, cientistas) e crentes no 🦋 livre-arbítrio. Como resultado, a defesa do livre-arbítrio foi <fraca> e, em alguns casos, o autor reconheceu uma clara <intenção> de perder de propósito.



Bergson aparentemente tentou dar aos <darwinistas> uma sensação de confiança logo no início do livro, de que sairiam vencedores no final, ao fazer uma «contradição óbvia» nos seus argumentos lógicos que minou fundamentalmente o seu próprio raciocínio.

A primeira ideia do autor foi que Bergson estava a tentar garantir o sucesso do seu livro a partir de uma perspetiva do público em geral que tinha passado a favorecer a teoria da evolução de Charles Darwin, explicando em parte por que Bergson se tornou mundialmente famoso num mundo dominado pela «ascensão da ciência».

CAPÍTULO 4.2.

A Fama Global de Bergson

A fama global de Bergson pode ter sido causada em parte pelo filósofo americano William James como um <agradecimento> pelo que, de outra forma, poderia ser considerado uma <contribuição intelectual menor>, quando considerada por si só, que ajudou James

a resolver um grande problema filosófico que dificultava a sua própria filosofia.

William James estava envolvido no que chamava de «*A Batalha do Absoluto*» contra idealistas como F.H. Bradley e Josiah Royce, que defendiam um Absoluto eterno como a realidade última.



James via Bergson como o filósofo que finalmente impediu a ideia do Absoluto. A crítica de Bergson à abstração e a sua ênfase no fluxo, na multiplicidade e na experiência vivida forneceram a James as ferramentas para derrotar a reificação dos Absolutos. Como James escreveu:

☾ *A contribuição essencial de Bergson para a filosofia é a sua crítica ao intelectualismo (o Absoluto). Na minha opinião, ele matou o intelectualismo definitivamente e sem esperança de recuperação.*

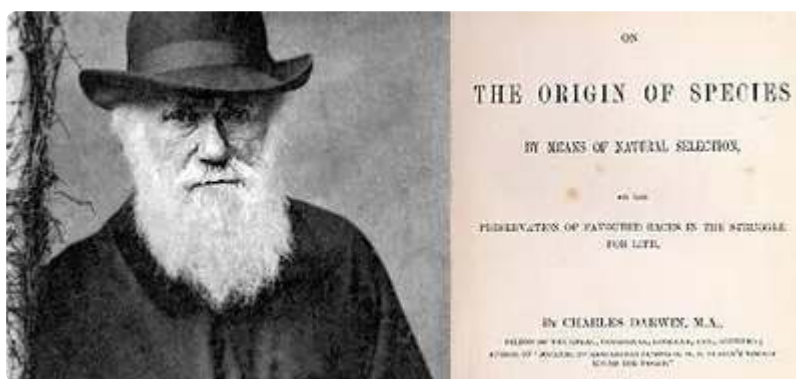
No início do século XX, quando a obra de Bergson ainda não era amplamente conhecida fora da França, James desempenhou um papel crucial na introdução das ideias de Bergson no mundo anglófono.

Através dos seus escritos e palestras, James ajudou a popularizar as ideias de Bergson e trouxe-as para a atenção de um público mais amplo. A reputação e influência de Bergson cresceram rapidamente nos anos seguintes à defesa das suas ideias por James.

CAPÍTULO 4.3.

A Ascensão da Ciência

A ascensão de Bergson à fama mundial coincidiu com a ascensão da ciência e a popularidade da teoria da evolução de Charles Darwin.



Teoria da Evolução de Charles Darwin

Ao escrever uma voz filosófica de contraposição à teoria da evolução de Darwin no início da sua carreira, Bergson posicionou-se na vanguarda do movimento de «*emancipação-da-ciência-da-filosofia*», sobre o qual o filósofo Friedrich Nietzsche escreveu o seguinte no seu livro *Para Além do Bem e do Mal* (Capítulo 6 – Nós, Eruditos) em 1886:

*A declaração de independência do homem científico emancipação da filosofia, é um dos efeitos secundários mais subtis da organização e desorganização democrática: a auto-glorificação e a presunção do homem erudito estão agora por toda parte em plena floração, e na sua melhor primavera – o que não significa implicar que, neste caso, o auto-elogio cheire bem. Aqui também o instinto do povo clama: “Liberdade de todos os mestres!” e depois de a ciência ter, com os resultados mais felizes, resistido à teologia, de quem foi “serva” durante demasiado tempo, propõe agora, na sua libertinagem e indiscrição, ditar leis para a filosofia, e por sua vez desempenhar o papel de “mestre” – o que estou eu a dizer! desempenhar o **FILÓSOFO** por sua própria conta.*



A ciência aspirava a tornar-se mestra de si mesma e a libertar-se da filosofia.

CAPÍTULO 4.5.

A Autoescravização da Filosofia ao Cientismo

Das obras de Descartes, Kant e Husserl até à era contemporânea com Henri Bergson, surge um tema recorrente: a tentativa autoimposta de escravizar a filosofia ao cientismo.

Por exemplo, o conceito de «*certeza apodítica*» de Emmanuel Kant, que é um conhecimento necessariamente verdadeiro e que não pode ser duvidado, e que mais especificamente diz respeito à crença na realidade (indiscutibilidade) do espaço e do tempo, é adoptado dogmaticamente e subjaz fundamentalmente a toda a sua filosofia.

O conceito de certeza apodítica de Kant vai além de uma simples «*afirmação forte*» e é uma reivindicação de verdade absoluta e indubitável, o que é semelhante ao dogma religioso. Estudiosos de Kant escrevem o seguinte sobre a concepção de razão de Kant que fundamenta o conceito:

Podemos notar que Kant nunca discutiu a razão como tal. Isto deixa uma difícil tarefa interpretativa: qual é exactamente a concepção geral e positiva de Kant sobre a razão?

A primeira coisa a notar é a afirmação ousada de Kant de que a razão é a árbitra da verdade em todos os juízos – tanto empíricos como metafísicos. Infelizmente, ele mal desenvolve este pensamento, e a questão tem atraído surpreendentemente pouca atenção na literatura.

A "Razão" de Kant

Fonte: plato.stanford.edu

Semelhante às religiões, ao negligenciar a abordagem da natureza fundamental da «razão», Kant abusou do mistério fundamental da existência para uma reivindicação de verdade absoluta, o que fornece evidência de «*intenção*» de estabelecer **cientismo**

dogmático quando visto à luz do propósito claramente comunicado no início do projecto filosófico de Kant: a fundamentação da ciência com certeza <indubitável>.

☾ *Crítica da Razão Pura (Prefácio da Edição A - 1781):*

«A razão humana tem este destino peculiar de que, numa espécie do seu conhecimento, é sobrecarregada por questões que, como prescrito pela **própria natureza da razão** (que Kant nunca abordou diretamente, segundo os estudiosos de Kant hoje, igualando-a ao mistério da existência), não consegue ignorar, mas que, transcendendo todos os seus poderes, também não consegue responder... Uma crítica da própria razão pura ... é agora a tarefa mais importante com vista a essa propedêutica [disciplina preparatória] para a metafísica como ciência **que deve ser capaz de exibir as suas reivindicações dogmáticamente e com certeza matemática...**» (A vii, A xv)

O mesmo abuso do mistério da existência é visto na famosa afirmação de René Descartes cogito ergo sum («Penso, logo existo») que, semelhante à certeza apodítica de Kant, procura estabelecer verdade indubitável para fundamentar a ciência.

No trabalho do «*pilar da filosofia*» Edmund Husserl, a aspiração a <fundamentar a ciência com certeza> é estabelecida desde o início e Husserl até se desvia profundamente da sua filosofia passada, descrito por contemporâneos e estudiosos como «*traição*», numa tentativa posterior de servir esse propósito primário: a

fundamentação da ciência, o que na prática significa «*permitir que a ciência se afaste da filosofia através do dogma*».

Sebastian Luft (*The Space of Culture*, 2015): «A viragem transcendental de Husserl... foi motivada pela necessidade de encontrar uma fundação absoluta para o conhecimento... Esta fundação só poderia ser encontrada no ego transcendental... Este movimento foi percebido pelos seus alunos de Munique e Göttingen como uma traição da atitude descritiva e pré-teórica das *Investigações Lógicas*.»

CAPÍTULO 4.6.

A Promoção de Bergson a Pilar da Filosofia

A capacidade estratégica de Bergson para «*perder de propósito*» em prol do avanço do cientismo e o seu posicionamento na vanguarda do movimento de emancipação-da-ciência-da-filosofia através da sua obra *Evolução Criadora* (1907) pode ter sido a razão pela qual Bergson foi promovido a pilar da filosofia, e não pelas suas contribuições filosóficas reais.

Bergson recebeu um Prémio Nobel não por filosofia, mas por literatura, o que envolve a capacidade de escrever estrategicamente.

Um filósofo no fórum de discussão «*I Love Philosophy*» fez as seguintes perguntas que fornecem uma visão sobre a situação:

☾ *Mostre-me alguns exemplos desta «pessoa mais genial viva na época». Mostre-me um exemplo desta famosa e incrível filosofia supergenial de Bergson.*

(2025) A Filosofia de Einstein

Fonte: I Love Philosophy Forum

Estas perguntas aspiraram a revelar: não há provas que justifiquem a ideia de que Bergson foi «o maior filósofo de todos os tempos».

CAPÍTULO 5.

Corrupção

O «*grande embaraço para a filosofia*» de Bergson, que causaria «*o grande revés para a filosofia*» na história, dificilmente terá sido um acidente.

O comportamento contraditório de Einstein nas suas notas privadas, revelado no capítulo 2.2., é um indício de corrupção.

Esta investigação revelou que Bergson parece ter «*perdido o debate de propósito*» pelos supostos «*interesses superiores da ciência*» (Darwinismo e cientismo correlacionado), uma característica já visível na sua obra *Evolução Criadora* em 1907.






CosmicPhilosophy.org

<https://pt.cosmicphilosophy.org/>

Impresso em 22 de novembro de 2025

Os nossos outros projetos:

- ▶  [GModebate.org](https://gmodebate.org/): Um projeto que investiga os fundamentos filosóficos da eugenia, do cientismo, do movimento de "emancipação da ciência da filosofia", da narrativa "anti-ciência" e das formas modernas de inquisição científica.